

O LUGAR FESTIVO – a festa como essência espaço-temporal do lugar

- Luiz Felipe Ferreira

Resumo

O artigo procura conceber o fato festivo como uma expressão espacial de tensões sociais que buscam controlar e dominar discursivamente o espaço através de sua determinação como lugar festivo. O moderno conceito de lugar – concebido como eixo articulador da escala local a escalas globais – associa-se a questões suscitadas pela teoria ator-rede na elaboração de um tecido de relação que articulam, em diferentes escalas os diversos atores e objetos que compõem a festa. Ao relacionarmos o conceito de festa com aquele de lugar estaremos não somente destacando a questão da relação espaço/poder intrínseca ao evento festivo mas também ressaltando as múltiplas conexões entre os diferentes atores e elementos que se encontram em jogo no momento da festa.

Palavras-chaves: festa, lugar, poder, lugar festivo, espaço

1. INTRODUÇÃO

Um aerostato se lança aos céus em Paris, no dia 10 termidor¹ do ano VI, coroando a incorporação aos tesouros parisienses de objetos de ciência e arte recolhidos na Itália. Um grupo de jovens da melhor sociedade carioca, fantasiado de pierrô, exibe-se sobre um automóvel ao longo da nova e larga Avenida Central no carnaval do início do século XX. Em Sauges, interior da França, ao anoitecer da Quinta-feira Santa do ano 2000, uma longa e circunspecta procissão de penitentes percorre a cidade recitando o rosário. Apesar de guardarem pouca semelhança formal e de estarem separados no tempo e no espaço, estes três eventos possuem algo que os une e os identifica: todos eles podem ser incluídos dentro do amplo conceito de festa.

A definição de um conceito que abrange formas de expressão tão variadas vem instigando pesquisadores em diferentes áreas do conhecimento, notadamente nas Ciências Sociais. Se, a grosso modo, a Antropologia busca encarar a festa enfocando sua universalidade, a Sociologia procura ressaltar as interações sociais que a definem. A partir de 1990, de acordo com RIECAU (1998), a Geografia passa a manifestar seu interesse pelo estudo de festa, buscando desvelar as diferentes escalas espaciais às quais se relacionam os eventos festivos, geralmente compreendidos a partir de sua territorialização (MÉO, 2001). Cada uma destas concepções tem apresentado importantes contribuições para estudo da festa. Entretanto, vê-la como um fenômeno universal, estudá-la como a expressão de uma sociedade ou simplesmente organizar suas diferentes escalas espaciais não parece dar conta de toda a multiplicidade de sentidos envolvida em eventos como as festas revolucionárias francesas ou o carnaval carioca, por exemplo.

É bem verdade que grande parte dos estudos realizados sobre a festa evitam estas concepções excessivamente simplistas. De um modo ou de outro os textos sobre o assunto acabam por levar em conta seu caráter de rito universal e as influências dos locais onde as festas se manifestam pendendo para este ou para aquele lado de acordo com a área de conhecimento específica do autor. Por outro lado, também, é verdade que esta articulação nem sempre é satisfatória e freqüentemente pouco acrescenta a compreensão do fenômeno. Descrever a festa como repousando sobre uma fusão com o sagrado (GORDON, 1983,) ou como um fenômeno “multiforme” (ISAMBERT, 1982) soa mais como um recurso

retórico do que como algo que possa trazer novas possibilidades de compreensão dos eventos festivos.

O conceito geográfico de lugar – que possibilita a articulação das forças presentes no local com aquelas globais destacando não somente os principais atores desta articulação mas também os próprios mecanismos que a estabelecem – se apresenta – queremos propor – como uma ferramenta útil e enriquecedora, permitindo uma abordagem da festa capaz de esclarecer os mecanismos de interação em suas diferentes escalas.

2. A FESTA UNIVERSAL E A FESTA LOCAL

Boa parte dos estudos sobre a festa destaca o fato de que ela marca uma clara ruptura no cotidiano (DUVIGNAUD, 1977), ritmando os tempos fortes da vida familiar ou da vida coletiva, religiosa ou cívica. CLAVAL (1995) ressalta que algumas festas, modeladas sobre o carnaval cristão, suspendem a aplicação das regras habituais instaurando a inversão das hierarquias e servindo de terapia coletiva. A festa marcaria, deste modo, um retorno ao caos original (CAILLOIS, 1939) ou uma ligação com o sagrado (BUTTITTA, 1997). Ela se apresentaria como um momento de desconstrução da ordem (DAMATTA, 1990), “um afastamento de si, uma abertura àquilo que nos engloba” (WUNENBURGER, 1977, 11), um contraste com o momento não festivo marcado por uma ação afirmativa do elemento orgiático em direção à vida (COX, 1971).

Para DUVIGNAUD, a festa destrói todas as regras. Ela não se integra a vida social normal na medida em que é sua destruição premeditada, sendo, deste modo, o

oposto da vida social e definindo-se como o não-social e o anti-social. A festa marca uma “desposseção” dos papéis sociais instaurando um estado de indeterminação, uma situação "a-estrutural" semelhante àquela em que nos encontramos antes da "entrada na vida". Apesar de não negar que a festa seja uma prática social, o autor destaca que as distorções operadas pelo ritual festivo não se encaixam no sentido de conservação ou reprodução da sociedade. Para ele a regressão proporcionada pelo transe imita uma fase pré social na qual tudo pode acontecer (DUVIGNAUD, 1977). Em suma, para o autor, a festa se caracterizaria por uma atitude de doação altruísta definida como o “dom do nada” (*don du rien*) (DUVIGNAUD, 1977).

Enfocar a festa como uma relação com o sagrado será uma forma de ressaltar suas características mais gerais que se disseminariam por toda a humanidade. A festa, ao possibilitar a ligação entre o Homem e as “instâncias naturais” é compreendida em sua universalidade. Se, por um lado, este enfoque abre amplas possibilidades de análises do fenômeno festivo, por outro acaba por minimizar os elementos específicos de cada festa em particular. Além disso, se considerarmos a epifania como o principal eixo do fenômeno festivo, estaremos descartando toda uma gama de eventos que, por sua organização rígida ou por sua diversidade, não se enquadrariam dentro desta classificação.

Buscando compreender as diferenças e as peculiaridades das diferentes festas, alguns autores trilham caminhos substancialmente diferentes. Apesar de muitos deles não desprezarem a característica de relação com o sagrado, presente nos eventos festivos, o que se busca ressaltar é a forte influência exercida pela sociedade onde cada uma das festas se insere.

A festa é vista como um espetáculo onde palco e platéia desempenham diferentes funções que variam de acordo com sua relação com o núcleo central do evento (FABRE e CAMBEROQUE, 1977). Este espetáculo seria a imagem da sociedade que o engendra, como, por exemplo, a festa do *Ancient Régime* francês estudada por NAUROIS (s.d.), que, segundo a autora, despreza os divertimentos e o cômico populares organizando-se como algo que é dado a ser visto e ouvido ao longo dos itinerários e nas cenas a céu aberto. Um espetáculo, conclui a autora, que é a imagem da realeza, inseparável do luxo.

A função social das festas é abordada também por KIM (2000) que destaca o papel das festas populares na vida urbana. MÉO (2001), busca associar a dimensão geográfica da festa a suas funções sociais destacando seu papel político, sua expressão ideológica (sobretudo sagrada, cultural e cosmológica), seu valor de troca sócio-econômica e seu papel de regulação social e territorial. Segundo o autor, a festa permite detectar os signos espacializados pelos quais os grupos sociais se identificam a contextos espaciais específicos. Ela torna possível a produção de símbolos territoriais que se estendem além de seus desenvolvimentos. A essência festiva se define, deste modo, a partir da interpenetração do evento sócio-cultural com os lugares que lhe dão espaço.

Equilibrando-se entre o universal e o local, os vários conceitos de festa apresentados expõem a dificuldade que os pesquisadores vêm encontrando para manipular, ao mesmo tempo, questões de caráter global – tais como a relação do Homem com o sagrado – e elementos mais ligados às tensões locais – como as relações sociais entre os diferentes grupos envolvidos nos eventos festivos.

Se não se pode negar a existência de uma festa libertadora dos sentidos, marcada por um aparente desregramento total e por uma entrega ao sagrado – como aquelas descritas por DUVIGNAUD (1977, 1991), por exemplo – estas, entretanto, não podem ser consideradas como o parâmetros exclusivos da manifestação festiva, sob pena de termos que descartar muito (ou quase tudo) daquilo que costumamos considerar como festa. Queremos, deste modo propor uma ampliação deste conceito para que ele possa acomodar, por exemplo, tanto as comemorações do Ano Novo nas praias cariocas – com seus rituais de possessão associados à queimas de fogos monumentais – como a *Fête de la Musique* parisiense – com suas apresentações musicais oficiais e seus transbordamentos causados pelos efeitos do álcool.

Propomos que a festa seja compreendida como uma luta pelo poder definida através de uma luta pela conceituação do espaço. Festejar será, então, dominar o discurso que define este ou aquele espaço como festivo. Mais do que uma luta pelo território, o evento festivo marca uma disputa pelo domínio do espaço simbólico, pelo lugar que se quer como o local da festa. Mesmo sendo um evento temporário, paradas e desfiles, por exemplo, têm o poder de marcar a importância simbólica dos espaços associando tradições vernaculares à história espacial (HAYDEN, 1997). Determinar, conceituar e manter este espaço – e impor este conceito através das práticas associadas a festa – será uma tarefa exercida tanto pelo grupo que detêm o poder sobre o evento quanto por aquele que, necessariamente, disputa este poder. A festa se define, deste modo, como uma tensão e, portanto, não pode existir sem que esta tensão esteja presente. Festejar é disputar o poder vinculado ao espaço. Um poder que não se manifesta e nem se

sacia com a conquista territorial, mas sim através da definição da posse simbólica do espaço definido como festivo. Um poder que precisa ser desafiado constantemente na medida em que ter o poder simbólico sobre o espaço pressupõe uma constante luta pela posse de seus limites (também estes simbólicos). A festa não se realiza, deste modo, sem que se estabeleça uma disputa pelo lugar da festa e é desse disputa que surge a tensão original que produz o evento festivo. A festa está, deste modo, vinculada à questão do espaço/poder e à definição do lugar festivo. É o que veremos a seguir.

3. ESPAÇO, PODER E FESTA

Em seu texto sobre a territorialidade do poder em Los Angeles, HERBERT (1996) destaca a relação entre o poder do Estado e sua capacidade de delimitar seu território. O espaço se apresenta, deste modo, como um meio de controle e de dominação. Ou seja, longe de se definir como um continente passivo, ele é um meio pelo qual se exerce a hegemonia (LEFEBVRE, 1986). Esta hegemonia, entretanto, pode ser contestada através de ações sobre o espaço. Tais ações não se caracterizam, necessariamente, por atos objetivos e conscientes de interferência sobre este espaço. Como ressaltou BARTHES, o próprio fato de se percorrer a cidade é uma forma de interferir sobre ela. Se por um lado, afirma o autor, a cidade fala a seus habitantes, por outro “nós falamos nossa cidade, a cidade onde nos encontramos, com os simples fatos de habitá-la, percorrê-la ou observá-la” (BARTHES, 1970/71, 12). Falar a cidade, ou seja, agir sobre o espaço

urbano através do ato de vivenciá-lo, reveste-se, deste modo de grande importância pois equivale a determinar as funções e os sentidos deste espaço e, deste modo, exercer alguma espécie de poder sobre ele. Tratando do tema, FOUCAULT (1994) afirma que as formas de dominação, ligadas à noções como campo, posição, região e território estão intrinsecamente ligadas ao processo pelo qual o saber funciona como um poder. Definir o saber sobre o espaço é, destaca o autor, ter poder sobre ele.

A própria questão da definição de espaço público e espaço privado está relacionada à relação espaço/poder. KILIAN (1998) ressalta que publicidade e privacidade não são características do espaço mas expressões de relações de poder no espaço existindo, ambas, em todo espaço. Espaços públicos se definem, deste modo, como locais de luta. Ou seja, é a própria existência da disputa pelo poder que define um espaço como público. A batalha pelo espaço demanda, deste modo, uma ação constante. Estar “fora” desta batalha não significa deixar de participar dela. Determinar quem é incluído ou excluído do espaço são ações tomadas constantemente pelo diversos atores que lutam pela definição do espaço público/privado.

Estudando a disputa pelo espaço na cidade colombiana de Cartagena, STREICKER (1997) enfoca o papel determinante que os eventos festivos exercem dentro dela. É através desses eventos – de sua “dominação” pelas elites e da elaboração de novos eventos pelas camadas populares – que se desenvolverão as diversas estratégias de dominação do espaço público da cidade.

É exatamente este poder, exercido através da disputa pelo espaço simbólico do evento festivo, que irá definir a própria existência da festa. Festejar é lutar pelo

poder de se definir o que é e o que não é festa. Esta luta, entretanto, não deve ser entendida como uma disputa entre o “bem” e o “mal”. SMITH (1993), destaca que as tensões radicais/revigorantes e conservadoras/corruptas presentes nas festividades não são atributo de nenhum dos atores nelas envolvidos. É a própria existência dessa tensão que irá definir a festa. Cessando a tensão, o evento deixa de ser uma festa. Como afirma COHEN, referindo-se ao carnaval de Londres: numa festa carnavalesca “ideal”, hegemonia e oposição estão em equilíbrio. Na medida em que este equilíbrio seja seriamente perturbado a natureza do evento muda e ele se transforma em outra coisa. “Se o festival é realizado para expressar a pura hegemonia, ele se torna um encontro político no estilo dos Estados totalitários. Por outro lado”, prossegue o autor “se ele é feito para expressar pura oposição, torna-se uma demonstração política contra o sistema. Em ambos os casos deixa de ser carnaval” (COHEN, 1982, 37).

Ao confrontar conceitos como hegemonia, oposição, público, privado, global e local, a festa estará desvendando uma luta pela escala com que este ou aquele grupo busca determiná-la. Adotar uma escala em relação a um determinado evento significa escolher um ponto de vista para seu conhecimento (LEPETIT, 1996). Mais que uma relação de semelhança com o real, uma escala representa uma redução deste real. Ela exprime “uma intenção deliberada de encarar um objeto e indica um campo de referência no qual o objeto é considerado” (LEPETIT, 1996, 86). Como afirma BRENNER (2000), refletindo sobre textos de Henri Lefebvre, a escala nunca é um “dado” neutro, um elemento universal fixo da experiência social ou uma escolha conceitual arbitrária, mas sim produto de atividades políticas econômicas e sociais. Referindo-se à produção da paisagem,

CRUMP e MERRET (1998) destacam que esta é resultado de um processo sócio-espacial que é, em parte, uma luta pela escala onde a ação humana deliberada está constantemente relacionada às diferentes, e mutáveis, escalas de conflito e compromisso. Definir a escala de um evento é, deste modo, ter o poder sobre ele (HEROD, 1991) ao dimensioná-lo dentro de um contexto que vão da integração global à rediferenciação local.

Outra questão importante dentro dos processos de disputa de espaço/poder que definem o fato festivo é aquela que aborda a memória da festa. Como destaca BERCÉ (1994), as festas não são produtos de uma transmissão contínua ligadas a uma filiação “milénar”. Ao contrário, os eventos festivos mostram longos períodos de obliteração e recomeços, de nascimentos, empobrecimentos, rupturas e esquecimentos. A manipulação deste processo de memória e esquecimento será determinante na luta pelo poder da festa. Discutindo a questão da memória, BURKE (2000), chama a atenção para o fato de que o espaço deve ser considerado como um dos meios de comunicação desta memória. Amplia-se assim a percepção das diversas formas de associação espaço/poder nos eventos festivos. De um modo simplificado, quem domina o espaço, determina a festa e quem determina a festa impõe seu sentido de espaço através da manipulação de hegemonias, escalas e memórias. Vale destacar, entretanto, que a situação não é tão simples, na medida em que levamos em conta o conceito de lugar. Este conceito irá relativizar a ideia de poder sobre o espaço e explicar os diferentes graus de mutação por que passam as diferentes festas, como veremos mais adiante.

Deste modo, a tensão que define a festa pode ser entendida como um conflito pela hegemonia do discurso festivo, realizado através de qualificações e desqualificações, de lembranças e esquecimentos, de enfrentamentos, enfim, que determinam e são determinados pelo espaço festivo. A questão do espaço torna-se crucial para a própria existência da festa na medida em que esta só existe através do enfrentamento. A batalha retórica pela definição da festa só se torna, na verdade, um afrontamento, ou seja, uma festa, quando a tensão se espacializa. Lutar por este espaço definido como festivo e, principalmente, definir este espaço como festivo é a própria festa. A luta pela definição do espaço festivo não pode prescindir dessa tensão. Não se concebe, deste modo, uma festa onde a disputa espacial esteja excluída, na medida em que tal evento deixa de ser festa para se tornar um espetáculo.

A festa, mais do que um espaço de trocas simbólicas, definiria um adensamento destas trocas *no* espaço. O espaço da festa será, necessariamente, um espaço eclético, polissêmico, aberto, articulador dos diferentes atores que dela participam. Se não se pode negar que a festa pressupõe a existência de uma alegria coletiva (CORBIN, 1994), ou de uma confrontação com instâncias materiais (DUVIGNAUD, 1977). O importante a se destacar é que estas emoções, esta alegria coletiva e estas confrontações não são suficientes para se determinar o fato festivo e não se definem como sua principal característica. A festa marca (e se caracteriza por) uma disputa pelo espaço (mais precisamente pelo lugar) das emoções e alegrias definidas como festivas. A festa, entretanto, não pode ser reduzida a um simples confronto entre duas posições extremas, como querem muitos estudiosos da questão, que consideram que elas devem ser compreendidas como produto de

uma oposição entre classes sociais. A “batalha” representada pelas festas – expressa de modo mais claro nas festas carnavalescas – reduz-se, para estes autores, a um embate de “exércitos” oponentes que buscam impor, cada um deles, seu modo de vida ao “inimigo”. Por mais sedutora que pareça, a metáfora da “batalha” festiva precisa ser relativizada. A festa representa, sim, uma espécie de luta, uma disputa que pode ser caracterizada como uma batalha. Mas esta batalha não se define através da oposição maniqueísta entre dois (ou mais) contendores. Na verdade, a oposição entre os participantes da disputa festiva é apenas uma simplificação. Na batalha festiva, salvo algumas exceções extremas, os “soldados” não devem nenhuma espécie de fidelidade a este ou àquele “exército”. Nada impede (ao contrário, tudo conspira a favor de) que os participantes desta “luta” disputem uma batalha de um dos “lados” e, no momento seguinte, empunhem a bandeira do “exército inimigo”. Ao relacionar elementos aparentemente opostos, este processo de intercâmbio irá definir a própria essência do fato festivo e tornar mais sutil, e mais rica, a “batalha” representada pela festa.

Mais do que se apresentar como um meio de comunicação utilizado pelas diferentes formas de organização social, como quer BURKE (2000), o espaço – e a luta por sua ocupação simbólica – será determinante para a própria existência da festa. Esta, por ser efêmera e produto de uma série de contestações não terá, na territorialização, um elemento determinante. Neste sentido, o conceito de lugar irá se impor como aquele capaz de melhor definir as questões espaciais determinantes do fato festivo.

4. LUGAR

O conceito de lugar, em Geografia, vêm sofrendo consistentes modificações (FERREIRA, 2000, 2002). Associada, no início do século XX, à idéia de região, o lugar será um dos conceitos-chave da chamada Geografia Humanista de base fenomenológica e existencialista (HOLZER, 1992) ao elaborar a idéia do espaço como uma experiência profunda e imediata do mundo ocupado com significados (RELPH, 1980). A chamada Geografia Radical vai interessar-se pelo conceito na medida em que ele articula especificidades locais dentro de contextos globais (DUNCAN, 1994).

Como destaca MASSEY (1984), a idéia de lugar, ao distanciar-se, paulatinamente, da concepção corológica original, dilata-se em direção a considerações interdisciplinares e a uma posição de destaque nos principais debates metodológicos das ciências sociais atuais. Ampliado para que possa articular a tensão entre a “subjetividade humanista” e a “objetividade radical” (OAKES, 1997), o conceito de lugar será determinante na concepção de eventos que, como as festas, extraíam seus sentido mais rico da sobreposição de forças globais e locais. O lugar para a Geografia Humanista está profundamente ligada à discussão estabelecida por RELPH em sua obra “*Place and Placelessness*” (1980) que destaca a importância da experiência direta do Homem com o mundo através da consciência de se estar no espaço e de vivenciá-lo. Uma das grandes contribuições trazidas por este conceito é o fato de que o espaço está carregado de significados definidos pelos indivíduos e grupos nele localizados. O espaço indiferenciado adquire valor a partir das experiências nele vividas. Lugar e espaço

se apresentam como complementares, o primeiro, ligado à conceitos como pausa e segurança e o último às idéias de movimento e liberdade (TUAN, 1983).

Entretanto, como destaca MALPASS (1999), esta concepção se resume a relacionar partes do espaço objetivo a qualidades subjetivas relativas a grupos ou indivíduos, retirando o foco do espaço e lançando-o sobre respostas emocionais. Buscando equacionar esta questão, BUTTIMER (1976) propõe a concepção de lugar como uma tensão entre forças estabilizadoras e forças inovadoras, uma articulação entre a visão de quem vivencia o espaço (*insider*) e daquele que o observa do ponto de vista externo (*outsider*). Os conceitos de lar (*home*) e de horizontes de alcance (*horizons of reach*), desenvolvidos algum tempo depois pela autora, organizam uma escala cujo centro é o indivíduo e o limite máximo pode ser expandido de acordo com a vivência e o conhecimento da cada um (BUTTIMER, 1980). Busca-se, deste modo, uma articulação conceitual entre a questão da relação “emocional” com o espaço vivido e a influência “deslugarizante” do espaço situado além da região vivenciada. Problema similar àquele enfrentado pela Geografia Radical que o enfocará, entretanto sob outras luzes.

Destacando a articulação entre os processos espaciais e aqueles sociais, a Geografia de base marxista surgida na década de 1970 busca compreender o espaço não somente como um produto dos processos sociais, mas como parte da explicação destes mesmos processos (MASSEY, 1984). Como afirma HARVEY (1996), o lugar é uma construção social e deve ser compreendido sobre o pano de fundo da relação entre espaço-tempo e ambiente. Ao mesmo tempo que é uma localização – podendo ser representado por coordenadas num mapa ou pela nomeação de uma cidade, por exemplo – o lugar é entendido como uma

configuração de "permanências" relativas, internamente heterogênea, dialética e ativa contida na dinâmica geral de espaço-tempo de processos sócio-ecológicos. Deste modo, o lugar seria, como sugere SANTOS (1978), um testemunho de um momento de produção fixado na paisagem, decorrente de processos preexistentes e influenciando novos processos que precisam se adaptar às formas preexistentes para poderem se determinar.

Envolvendo não somente a universalização do particularismos mas também a particularização do universalismo (ROBERTSON, 1987) a mundialização dos lugares os torna cada vez mais específicos e singulares através da especialização dos elementos do espaço, da dissolução dos processos de acumulação de capital e do aumento das ações que os distinguem. Discutindo esta questão, SANTOS (2000) considera que o papel do lugar se define como espaço de oposição à globalização. Este, ao mesmo tempo que acolhe os vetores da ideologia dominante, também propiciará o surgimento e desenvolvimento de diferentes processos específicos. Ou seja, em resposta aos elementos do discurso totalitário, que o autor chama de "fabulações" – como os mitos da "aldeia global", do "encurtamento das distâncias" e da "morte do Estado" – o lugar assume um papel de resistência. Ressaltando a força dos discursos na constituição de um poder hegemônico, SANTOS (2000) destaca que a grande energia produtora da contra-ordem em oposição aos vetores da globalização seriam os excluídos e os marginalizados. O lugar como espaço do cotidiano é, para SANTOS, o locus da "irracionalidade", da busca de outras formas de ser racional ou da heterogeneidade criadora, contra a racionalidade unificadora, alienante, globalizada, marcada por uma homogeneização empobrecedora. O autor ressalta,

deste modo, a capacidade das classes menos favorecidas em contribuir para os processos sociais (e culturais) de uma determinada sociedade através da própria existência de suas crenças, valores e desejos. A imposição dos valores das classes dominantes não deve ser vista, então, como um determinismo. Mesmo alijadas dos meios mais “tradicionais” de participação social, as classes menos favorecidas encontrariam na articulação propiciada pelo lugar um canal capaz de expressar sua influência. Entretanto, se o lugar proporciona os meios pelos quais os excluídos do poder podem agir sobre os processos sociais e culturais, não será somente através da simplificação de um enfrentamento direto que este processo se dará. Neste sentido, as sutilezas contidas nos mais recentes conceitos de lugar irão ajudar a compreender os vários mecanismos pelos quais a interação entre o poder constituído e o “poder” destituído irão interagir.

Em sua obra “*The betweenness of place*”, ENTRIKIN (1991) já apontava para a dificuldade de se articular no mesmo conceito de lugar visões radicalmente diferentes como a centrada (subjetiva) e a descentrada (objetiva) e propõe a idéia de intermediaridade (*betweenness*) para solucionar o problema. Apesar de não conseguir articular satisfatoriamente os diferentes aspectos do conceito, como aponta MERRIFIELD (1993), ENTRIKIN estará tocando num ponto crucial para a compreensão do lugar ao elaborar a idéia da narrativa como uma forma de mediação entre os eixos particular-subjetivo e universal-objetivo. A questão do discurso estará, como destacou TUAN (1991), intrinsecamente ligada à conceituação simbólica do lugar e às tensões que, associadas à luta pelo poder/espço, determinam, em última instância, o próprio lugar.

Buscando elaborar um conceito dinâmico de lugar, que pudesse responder às diferentes questões ligadas a um mundo onde coexistem as mais diversas formas de relação espaço-tempo, MASSEY (1997) define os lugares como pontos de encontro de redes de conexões sociais, movimentos e comunicações cujas relações recíprocas tenham sido construídas em escala muito maior do que aquelas definidas para o lugar naquele momento. Estas relações do local com o sistema mais amplo, ressalta a autora, não são apenas ritualísticas mas relações reais, com conteúdos econômicos, políticos e culturais reais. A individualidade do lugar (*local uniqueness*) é sempre um produto de contatos mais amplos, um produto, em parte, de forças "globais", onde o global não significa necessariamente a escala planetária mas o mundo além do próprio lugar (MASSEY, 1995). O lugar, para MASSEY, não possuiria um sentido único compartilhado por todos, do mesmo modo que as pessoas não possuem uma identidade única.

Utilizando-se do conceito marxista de "fetichismo dos bens" (*fetishism of commodities*), MERRIFIELD (1993) irá destacar a relação que os diferentes lugares mantêm entre si. Marx argumenta que os bens, como qualquer outro fenômeno, são processos que aparecem na forma de coisas. Ou seja, o mundo material é simultaneamente um objeto e um processo. A paisagem material e as práticas da vida diária (objetos), apresentam-se, deste modo, incorporadas à totalidade capitalista global (processo). Por outro lado, o sistema capitalista não ocorre simplesmente num sentido abstrato, mas precisa se vincular a lugares específicos. "O espaço", destaca MERRIFIELD (1993, 520), "adquire sentido através dos lugares e cada lugar se interconecta com outros lugares engendrando

o espaço como um todo”. Ao ressaltar a interligação que cada elemento possui com a totalidade do processo global, e sua relação com a estruturação dos lugares, o autor estará trazendo uma importante contribuição para a compreensão do conceito. Apesar de específico o lugar se define através de relações que se estendem a diferentes escalas. Ou seja, o lugar articularia questões ligadas ao mesmo tempo à realidade local e à problemáticas regionais e globais.

Destacando a diferença entre lugares, OAKES irá apresentá-los como sítios de identidades significativas e de atividade imediata, como uma rede dinâmica em oposição a uma localização específica. O lugar, deste modo, não é territorialmente delimitado, mas sim uma consequência de ligações através do espaço e do tempo que expressa a tensão, característica da modernidade, entre o progresso e a perda (OAKES, 1997). A batalha que acontece no lugar não seria simplesmente uma resistência às tentativas de hegemonia históricas e espaciais mas uma luta para nos colocarmos como sujeitos da história e da espacialidade (Idem). Esta batalha, apesar de muitas vezes cruenta, não pode ser reduzida, deste modo, a um embate entre contendores que se opõem ou à resistência dos “detentores da tradição” – tradição essa que também é algo constantemente reconstruído (MASSEY, 1995) – contra as “forças da descaracterização”. Muito mais sutil e complexa, esta batalha se trava não somente entre grupos de contendores cujos “soldados” estão constantemente trocando de lado, mas também através de constantes redefinições conceituais dos elementos em jogo. A complexidade destas articulações pode ser melhor percebida se associarmos ao conceito de lugar as questões da teoria ator-rede (*actor-network theory* ou ANT).

Em texto que aborda a questão da paisagem, FOLCH-SERRA (1990) elabora o conceito de “paisagem dialógica” (*dialogic landscape*) que destaca seu caráter constantemente mutável. A paisagem, segundo o autor, nunca é fixa. O que se vê é um recorte espaço-temporal que representa um momento e uma situação históricos de um diálogo que nunca é neutro e que pressupõe, para sua continuidade, que cada parte nunca chega a compreender totalmente o sentido do que a outro quer dizer. Esta concepção de um espaço cujos componentes estão em constante mobilidade e perpetuamente dialogando entre si sem jamais chegarem a um acordo pode (e deve) ser estendida ao conceito de lugar. A tensão entre as partes que compõem o lugar, ou seja, entre seus diversos atores e elementos materiais, é uma das características que permitirá defini-lo como tal. Entretanto, como vimos anteriormente, o lugar não se define apenas através das partes que o constituem fisicamente (como FOLCH-SERRA propõe em relação à paisagem) mas sim através de vinculações muito mais complexas entre atores locais e globais. Estes atores, como destacam ROBERTSON e LERCHNER (1985) se apresentam em diferentes escalas. Um dos principais interesses desta definição é o fato dela levar em conta a diversidade de atores envolvidos nas questões do lugar destacando suas diferentes respostas, entendidas não somente como reações mas também como dados de entrada (*inputs*) ao processo de globalização.

É esta complexidade de atores, agindo e existindo em diferentes escalas que a ANT busca relacionar. A ANT aborda, deste modo, a relação e o envolvimento de indivíduos entre si e com as tecnologias, documentos, textos e dinheiro nas chamadas atores-redes. Para a ANT as redes são grupos de relações e

associações através dos quais o mundo é construído e estratificado. O importante para ela são as relações estabelecidas entre os diversos atores e não a distância que os une ou os separa. As redes fazem com que as coisas fiquem juntas dentro de molduras comuns de referência. Lugares com grupos de elementos similares e com relações similares estão mais próximos entre si do que lugares com elementos ou relações diferentes. Deste modo, para a ANT o que conta é a proximidade dentro das redes de espaço-tempo. Estas redes são heterogêneas, ou seja, são feitas de elementos que chamamos de técnicos, sociais, naturais, políticos etc. A ANT considera que *todos* os elementos que constroem as redes são importantes e que os estudos que se preocupam somente com as relações sociais não abrangem a totalidade da questão. É a reunião de ação humanas com material não-humano que dá estabilidade e durabilidade às redes através do espaço. As redes se consistem, deste modo, tanto de sujeitos quanto de objetos. Estes nunca são somente objetivos e neutros, “eles contêm e reproduzem o ‘trabalho solidificado’ daqueles outros que participaram dos arranjos sócio-materias que emolduram nossas interações diárias” (MURDOCH, 1998, 360).

As relações entre atores e objetos dentro das redes seriam intermediadas pelo conjunto de atividades humanas e tecnológicas. A associação do homem com as tecnologias, com o dinheiro e com os textos produz formas de ordem social. Estes grupos de ator-redes são sempre contingentes, construídos e vinculados nos mundos individuais ou institucionais, ligando o local ao não local em conexões recíprocas e relacionais (GRAHAM, 1998). Ou seja a ANT busca compreender “como processos materiais e sociais se tornam intrinsecamente ligados dentro de conjuntos complexos de associações” (MURDOCH, 1998, 359). Outro dado

importante para nosso estudo é o caráter estabilizador (mesmo que temporário) das redes. Ao reunir materiais de origens e trajetórias diferentes (como num museu, por exemplo) a rede não se configura como uma simples agregação dessas trajetórias. Ela as modifica na medida que os materiais entram numa nova e complexa inter-relação dentro da rede. Tais materiais não se colocam à parte dos campos de negociação e construção que elaboram as redes. Eles são reformatados (e temporariamente estabilizados) no processo. É através do estabelecimento de redes, portanto do estabelecimento de relações estáveis entre os atores (ou seja, de relações que permitem a transmissão de ações), que as coisas acontecem. É deste modo que se estabelece o *actor-network*. Reunindo um termo centrado (ator) a um termo descentrado (rede), ator-redes são a mesmo tempo redes e pontos, individuais e coletivos. Estas redes, apesar de forjadas com uma variedade de objetivos, são sempre um meio de ação sobre o espaço que, por sua vez, como elementos constituintes das ator-redes, são arrumados para permitir a condução de certos tipos de ação. Deste modo, a ação nos ator-redes configuram espaço.

Os espaços devem ser vistos, deste modo, como inter-relações complexas entre modos de ordenação e formas de resistência. Os modos de ordenação nunca se apresentam como totalidades fechadas, eles sempre geram incertezas, ambivalências, transgressões e resistências. Estas ordens e resistências, entretanto, não devem ser vistas como oposições mas dependem uma da outra, misturando-se em várias formas espaciais. A imposição de redes padronizadas está em constante tensão com a negociação local, na medida em que os atores

freqüentemente estão ligados com relações locais causando, deste modo, o contínuo surgimento de estratégias de criação de espaços para negociação.

Traçar a topologia das redes, conclui MURDOCH, é traçar a topologia do poder visto que quem quer que tenha conseguido definir a ordem das prioridades, terá conseguido determinar as conexões que geram as espacialidades e temporalidades que formam nosso mundo.

Será através destas idéias referentes à teoria ator-rede que buscaremos redimensionar a questão do lugar (e da festa). A variedade de seus diferentes conceitos – que o consideram, por um lado, como locus da dimensão afetiva e centro referencial da idéia de lar e, por outro, como eixo articulador de instâncias globais e locais – deixa antever a rica possibilidade de uma tensão que promova o contato entre estas concepções. A ANT, ao destacar a importância das redes de relações que interconectam atores e objetos permite a compreensão dos múltiplos vínculos que promovem a interinfluência de elementos portadores de referências afetivas que influenciam e, ao mesmo tempo, são influenciadas por diferentes escalas de instâncias. Compreender o lugar como sítio destas relações – e, ao mesmo tempo, como seu elemento determinante – permite-nos estabelecer os limites de nosso evento sem que para isso deixemos de lado suas múltiplas relações e conexões para além do tempo/espaço que se busca compreender.

Deste modo, ao buscarmos articular o conceito de festa com aquele de lugar, estaremos não somente destacando a questão da relação espaço/poder intrínseca ao evento festivo mas também ressaltado as múltiplas conexões entre os diferentes atores e elementos que se encontram em jogo no momento da festa. A festa, desse modo, não se define apenas como uma luta entre um certo número

de contendores que buscam impor uns aos outros um determinado ponto de vista ou uma determinada visão de mundo. Se o sítio da festa é palco de uma disputa discursiva aparentemente maniqueísta – onde um dos lados é detentor da “tradição” e da “verdade” local enquanto o outro busca “descaracterizar” e “globalizar” o evento – vê-la como um processo de disputa pelo lugar festivo irá pulverizar estes conceitos na medida em que cada ator está carregado de múltiplas relações que os relacionam a diferentes instâncias em diferentes escalas. Além disso, quando se considera que não são somente os atores (humanos) que interferem nos eventos, a participação dos diversos objetos (ou material não humanos) que compõem a festa irá trazer mais elementos que influenciam o fato. A organização da festa, o modo como ela se espacializa, as danças apresentadas, as roupas, as comidas características, os sons, as músicas, as formas de participação direta ou indireta de quem festeja e de quem observa, todos os elementos que definem a festa, enfim, não se limitam a uma “figuração” no evento. Cada um destes elementos possui suas próprias conexões com diferentes redes em diferentes escalas e estabelece com os outros elementos as conexões próprias do evento que se busca compreender. Tais vinculações, anteriores e contemporâneas à festa, permitem compreender cada um dos elementos como em constante mutação. Um processo que não somente não pode ser evitado pela festa como é incentivado e acelerado por ela. A festa, deste modo, reúne diferentes materiais (atores e objetos) com diferentes trajetórias e incentiva sua reformatação através da própria intauração do fato festivo. O espaço da festa, longe de se apresentar como um simples continente do evento, irá impor sua trajetória e, também, ser influenciado pelas trajetórias dos diferentes

elementos. Estes se inter-relacionam, se reconfiguram e se estabilizam continuamente. Um processo que permite aos atores da festa a determinação periódica de formatos que, por algum tempo são considerados como a festa “verdadeira”.

Gostaríamos de concluir este artigo destacando que o fato festivo encontra sua definição como momento privilegiado de articulação das tensões próprias do lugar. É através da festa que as inter-relações complexas entre modos de ordenação e formas de resistência poderão ser amplamente exercitadas pelos diversos atores. É o momento da festa que permite que as ações e os objetos (incluindo-se o espaço) se apresentem com uma carga máxima de significados destacando cada gesto, cada palavra, cada peça de indumentária, cada ato ritual com uma intensa carga simbólica que, de resto, é percebida de forma diversa pelos diferentes atores. A festa representa, deste modo, uma consistente concentração no espaço e no tempo, dos elementos do lugar. Ela permite uma forte imposição das redes padronizadas ao mesmo tempo que propicia uma viva resposta da negociação local possibilitando o incessante surgimento de espaços de negociação e de novas organizações alternativas que, por sua vez geram novas formas de ordem e/ou de desordem.

É através desta concepção que conseguiremos reunir sob um mesmo conceito as festas enunciadas no início deste texto. O desfile solene parisiense, a brincadeira carnavalesca carioca e a procissão de penitentes de Sauges destacam-se como espaço\tempo privilegiados, impregnados de forte carga simbólica e articuladores de diversas escalas de referências que englobam desde tensões locais até influências em escala global. Redes de relações sociais, de objetos materiais e de

atores, considerados em grupos ou isoladamente, cada uma destas manifestações, tão diferentes entre si, é apropriada por seus elementos constituintes como um momento privilegiado de relação de espaço/poder. Cada uma delas a seu modo uma festa, determinada por e determinante de seu lugar.

Notas

¹ Em 6 de outubro de 1793, um novo calendário seria instituído, por decreto, na França. Conhecido como Calendário Republicano ele tinha 12 meses de 30 dias denominados, respectivamente, de *nivôse, pluviôse, ventôse, germinal, floréa, prairial, messidor, thermidor, fructidor, vendémiaire, brumaire e frimaire*. (BÉNICHOU,1992).

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. *Sémiologie et urbanisme. L'Architecture d'Aujourd'hui*. 42 année, No. 153, décembre 1970-Janvier 1971, pp.11-3.

BÉNICHOU, Hélène. *Fêtes et calendrier: les rythmes du temps*. Paris: Mercure de France, 1992.

BERCÉ, Yves-Marie. *Fête et révolte: des mentalités populaires du XVIe au XVIIe siècle*. Paris: Hachette, 1994.

BRENNER, Neil. *The urban question as a scale question: reflections on Henri Lefebvre, urban theory and the politics of scale*. International Journal of Urban and Regional Research, 24:361-78, 2 June 2000.

BUTTNER, Anne. Grasping the dynamism of lifeworld. *Annals of the Association of American Geographers*, 66(2):266-76, 1976.

_____. Home, reach, and the sense of place. In: BUTTNER, A., SEAMON, D (eds.). *The human experience of space and place*. New York: St. Martin's Press, 166-87, 1980.

BUTTNER, Antonino. Di Carnevale o del tempo delle feste come feste del tempo. In: CASTELLI, Franco e GRIMALDI, Piercarlo (orgs.) *Maschere e corpi: tempi e luoghi del Carnevale*. Roma: Meltemi. pp. 47-60, 1997.

BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CAILLOIS, Roger. *Théorie de la fête (I)*. *La Nouvelle Revue Française*. Année 27e, No 315, 1er Décembre 1939. pp. 863-82.

CLAVAL, Paul. *La géographie culturelle*. Paris:Nathan, 1995.

COHEN, Abner. *A polyethnic London carnival as a contested cultural performance*. *Ethnic and Racial Studies* Volume 5 Number 1 January 1982. pp. 23-41.

CORBIN, Alain. Préface. In: CORBIN, Alain et al. (eds.) . *Les usages politiques des fêtes aux XIXe-XXe siècles*. Paris: Publications de a Sorbonne, 7-11, 1994.

COX, Harvey. *La fête des fous: essai théologique sur les notions de fête et de fantasia*. Paris: Éditions du seuil, 1971.

CRUMP, Jeff R. and MERRET, Christopher D. Scales of struggle: economic restructuring in the U.S. midwest. *Annals of the Association of American Geographers*, 88(3):496-515, 1998.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1990.

DUNCAN, James. Place. In: JOHNSTON, R. J. et al. *The dictionary of human geography*. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

DUVIGNAUD, Jean. *Le don du rien: essai d'anthropologie de la fête*. Paris: Stock, 1977.

_____. *Fêtes et civilisations: suivi de la Fête aujourd'hui*. Arles : Actes Sud, 1991.

ENTRIKIN, J. Nicholas. *The betweenness of place: towards a Geography of modernity*. London: Macmillan, 1991.

FABRE, Daniel e CAMBEROQUE, Charls. *La fête en Languedoc*. Toulouse: Privat, 1977.

FERREIRA, Luiz Felipe. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. *Território*, 9. jul./dez. 2000. pp. 65-83.

_____. Iluminando o lugar: Três abordagens (Relph, Buttimer e Harvey). *Boletim Goiano de Geografia*, julho de 2002. No prelo.

FOLCH-SERRA, M. *Place, voice, space: Mikhail Bakhtin's dialogical landscape*. *Environment and Planning D: Society and Space*, 8(3):255-74, 1990.

FOUCAULT, Michel. Questions à Michel Foucault sur la géographie. In FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits: 1954-1988*. Vol III: 1976-1979. Paris: Galimard. pp. 28-40, 1994.

GORDON, Pierre. *Les fêtes à travers les âges: leur unité, l'origine du calendrier*. Neuilly s/ Seine: Arma Artis, 1983.

GRAHAM, Stephen. The end of geography or the explosion of place?: conceptualizing space, place and information technology. *Progress in Human Geography*, 22(2):165-85, 1998.

HARVEY, David. From space to place and back again. In: HARVEY, David. *Justice, nature and the geography of difference*. Oxford: Blackwell, 291-326, 1996.

HAYDEN, Dolores. *The power of place: urban landscape as public history*. Cambridge, Mass.:The MIT Press, 1997.

HERBERT, Steve. *The normative ordering of police territoriality: making and marking space with the Los Angeles Police Department*. *AAAG*, 86(3). pp. 567-582, 1996.

HEROD, Andrew. *The production of scale in United States labour relations*. *Area*, 23(1):82-88, 1991.

HOLZER, Werther. *A Geografia humanista: sua trajetória de 1950 a 1990*. Rio de Janeiro (Tese de Mestrado em Geografia), UFRJ/PPGG, 1992.

ISAMBERT, François-André. *Le sens du sacré: fête et religion populaire*. Paris: Les Editions de Minuit, 1982.

KILIAN, Ted. Public and private, power and space. In: LIGHT, Andrew, SMITH, Jonathan M. (eds.). *Philosophy and geography II: the production of public space*. Lanham:Rowman & Littlefield Publishers. pp. 115-134, 1998.

KIM, Kyu Won. *La fête populaire et la ville: une étude comparative en France et dans les pays voisins*. Thèse de doctorat en Géographie et Aménagement. Université Paris IV - Paris – Sorbonne, 2000.

LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 1986.

LEPETIT, Bernard. De l'échelle en histoire. In: REVEL, Jacques (org.) *Jeux d'échelles: la micro-analyse à l'expérience*. s.l.: Seuil; Gallimard. pp. 71-94, 1996.

MALPAS, J. E. *Place and experience: a philosophical topography*. Cambridge: University Press, 1999.

MASSEY, Doreen. Introduction: Geography matters. In: MASSEY, Doreen, ALLEN, John. *Geography matters!*. Cambridge: Cambridge University Press, 1-11, 1984.

_____. *Places and their pasts*. History Workshop Journal, 39:182-92, 1995.

_____. A global sense of place. In.: BARNES, T., GREGORY, D. (orgs.). *Reading human geography*. London: Arnold, 315-23, 1997.

MÉO, Guy di. *La Géographie en Fêtes*. Paris: Ophrys, 2001.

MERRIFIELD, Andrew. *Place and space: a Lefebvrian reconciliation*. *Trans. Br. Inst. Geogr.* N.S. 18:516-31, 1993.

MURDOCH, Jonathan. *The spaces of actor-network theory*. *Geoforum*, 29(4):357-374, 1998.

NAUROIS, Sixtine de. Fêtes du pouvoir avnt 1789. In: ANDIA, Béatrice de et al (orgs.). *Fêtes et revolution*. Paris: Délégation à l'Action Artistique de la Ville de Paris et la Ville de Dijon. 36-46, s. d.

OAKES, Timothy. Place and the paradox of modernity. *Annals of the Association of American Geographers*, 87(3):509-31, 1997.

RELPH, Edward. *Place and placelessness*. London: Pion, 1980.

RIECAU, Jean. Sociétés et identification territoriale: permanance des lieux, territorialités religieuses et festives sur le litoral du golfe du Lion. *Ann. Géo.* No. 604. pp. 610-636, 1998.

ROBERTSON, R. Globalization theory and civilizational analysis. *Comparative Civilizations Review* 17:20-30, fall 1987.

ROBERTSON, R. e LERCHNER, F. Modernization, globalization and the problem of culture in world-systems theory. *Theory, Culture and Society* 2 (3):103-18, 1985.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. São Paulo:HUCITEC, 1978.

_____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro:Record, 2000.

SMITH, Susan J. Bounding the borders: claiming space and making place in rural Scotland. *Trans. Inst. Br. Geogr.* NS. 18: 291-308, 1993.

STREICKER, Joel. Spatial reconfigurations, imagined geographies, and social conflicts in *Cartagena, Colombia*. *Cultural Anthropology* 12(1):109-128, 1997.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo DIFEL, 1983.

_____. Language and the making of place: a narrative-descriptive approach. *Annals of the Association of American Geographers*, 81(4):684-96, 1991.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. *La fête, le jeu et le sacré*. Paris: Jean-Pierre Delarge, 1977.

Abstract

The present work treats celebrations as events defined by place-specific socio-spatial tensions which try to control and dominate the discourse over that space by considering it celebrational place. The most recent concepts of place – considered as the articulating axis of local and global scales – are associated with questions aroused by the actor-network theory in order to elaborate the tissue of relationships that articulate the range of actor and objects related to the celebration in different scales. By connecting the concepts of celebration and place we underline not only the question of space and power inherent to the event but also the various relation between the diverse actors and other elements linked to the celebration.

Key-words: celebration, place, power, celebrational place, space.